



2025 ainda está aqui

#cm
2
RETROSPECTIVA

2025 vai embora com um marco significativo. **Pela primeira vez** um filme brasileiro **recebe o Oscar** com ‘Ainda Estou Aqui’, sem contar **a consagração de Fernanda Torres** - Globo de Ouro de Melhor Atriz e indicação ao Oscar por sua atuação. Além do **brilho do cinema brasileiro pelos festivais mundo afora**, esta **edição especial do #CM2** traz os destaques do ano na **cena teatral, na música e no mercado editorial**

Victor Jucá/Divulgação



O Agente Secreto

Brasis que reagem, Brasis que encantam

No ano em que ganhou seu primeiro Oscar, sonhado desde os anos 1940, o cinema brasileiro emplacou sucessos de bilheteria, cults, prêmios em festivais, biopics e reações do streaming

Fabio Braga/Divulgação



Cyclone

Divulgação



Eu e Meu Avô Nihonjin

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Yes, agora nós temos um Oscar, conquistado no Carnaval (algo mais brasileiro do que isso, não há!) por “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, que beirou 6 milhões de ingressos vendidos, num ano em que os maiores festivais do planeta se renderam à nossa excelência. Tiveram uns Bezerros de Ouro aqui e acolá, com (falsas) apropriações de cartilhas de gênero, e teve muita grita contra a manha dos streamings para se adequar a uma política justa

para o nosso cinema. Apesar disso, vivemos dois semestres de alegrias. Saca só:

O filme do ano

O AGENTE SECRETO, de Kleber Mendonça Filho: Crítico profissional ao longo de 13 anos, o jornalista pernambucano que trocou a reportagem por uma carreira como realizador conseguiu um feito invejável para quem milita na imprensa cinematográfica ao ganhar a capa da revista “Cahiers du Cinéma”, a Bíblia do audiovisual, com seu novo (e originalíssimo) longa-metragem. A produção recebeu quatro prêmios no Festival de Cannes: Melhor Direção, Melhor

Ator (para um Wagner Moura em estado de graça), láurea da Crítica e láurea da Associação de Cinemas de Arte e Ensaio. Eleito o Filme do Ano pela Associação de Críticos do Rio de Janeiro (ACCRJ), esse thriller se passa em 1977 e abraça a palavra “pirraça” para traduzir o zeitgesit do Brasil de Ernesto Geisel, sem usar a palavra “ditadura”. Naquele ano, no enredo, um pesquisador viúvo (papel de Wagner) regressa ao Recife para buscar seu filho e é caçado por assassinos. Crocante do início ao fim, a narrativa conta com desempenhos inspirados de Roney Villela (entre os matadores) e de Carlos Francisco, que vive um projecionista.

Confira a seguir o que mais se viu de imperdível de janeiro para cá:

Nosso ranking de 2025

CYCLONE, de Flavia Castro: Uma atuação hipnótica de Luiza Mariani assegura viço a um estudo sobre o silenciamento sexista de uma expressão caudalosa de invenção da São Paulo do zeitgest modernista que gerou a Semana de 22. A inspiração (livre) é Maria de Lourdes Castro Pontes (1900-1919), autora designada alternadamente por Deisi, Daisy, Dasinha, Miss Tufão e Miss Cyclone. No auge de sua criação, em busca de uma bolsa para escrever no exterior, ela sofre diversos vetos.

A MELHOR MÃE DO MUNDO, de Anna Muylaert: A atuação mais tocante do ano é a de Shirley Cruz. Sua personagem, a catadora de material reciclável Gal, mistura de “Noites de Cabíria” (1957) com “O Cortiço” (1978). Gal é uma combinação das heroínas de Giulietta Masina (qual a Gelsomina de “La Strada”) com a Rita Baiana do romance de Aluísio Azevedo (1857-1913). A São Paulo que adotou como lar é neorrealista, mas sua cartografia, no devastador filme da diretora de “Que Horas Ela Volta?” (2015), flerta com o Naturalismo. Nas entranhas da maior metrópole do país, vemos a microfísica da exclusão se



A Melhor Mãe do Mundo



Eu e Meu Avô Nihonjin



Sexa



Manas



Homem com H



Nó



O Filho de Mil Homens



Kasa Branca



Caramelo

processar a partir da metástase do machismo. O “namorido” de Gal, o segurança Leandro (Seu Jorge), segue uma (de)mentalidade bárbara segundo a qual “mulher minha tem que transar comigo todo dia”. Sob tal bandeira, ele justifica crimes, num gesto de objetificação, de posse. Só não contava com a astúcia que existe na resiliência: Gal mete o pé. Leva o coração da gente junto.

HOMEM COM H, de Esmir Filho: Com cerca de 640 mil ingressos vendidos, a cinebiografia do cantor Ney Matogrosso, hoje na Netflix, promove uma requintada autópsia em corpo vivo do companheirismo. Todas as músicas que fizeram do bardo um ícone de transgressão estão em cena, associadas a uma mesmerizante perfor-

mance de corpo (e alma) do ator Jesuíta Barbosa. A fotografia de Azul Serra faz subir a temperatura e a pressão de cada quadro.

O ÚLTIMO AZUL, de Gabriel Mascaro: Celebrizado no planisfério cinéfilo depois de ganhar o Grande Prêmio do Júri da Berlinale, esta aventura fluvial contra o etarismo mostrou ao mundo a gigante que Denise Weinberg é quando se põe diante das câmeras. Ela encarna Teresa, uma funcionária de um curtume amazônico que, ao passar dos 70 anos, é condenada a um campo de concentração para idosos. Sua única saída: buscar nos afluentes do Amazonas o acalanto da escapada. Um barqueiro de coração partido (Rodrigo Santoro) será seu aliado nessa jornada, de um colorido sensualíssimo.

SEXA, de Gloria Pires: Campeoníssima de bilheteria, a estrela da franquia “Se Eu Fosse Você” (2005-2009) aposta numa aventura por trás das câmeras, falando da aceitação da passagem do tempo numa sociedade pontuada pelo etarismo e sexista até dizer chega. Além de dirigir, ela atua, no papel de uma revisora de livros que, ao completar 60 anos, vive uma paixão por um técnico de Informática viúvo (Thiago Martins). Isabel Filardis brilha em cena no papel daquele tipo de amiga que faz palavra “amizade” ganhar um colorido redentor e analgésico.

MANAS, de Marianna Brand: Longa ganhador do Director’s Award da Giornate degli Autori do Festival de Veneza e do Prêmio da Première Brasil, dado à

sua atriz principal, Jamilli Correa. Sua trama testemunha o processo de maturidade a fórceps de Marcicelle/Tielle (Jamilli), de 13 anos, num ambiente assombrado pela brutalidade contra as mulheres, nas águas da Ilha do Marajó (PA). Dira Paes é um dos destaques do elenco.

NÓ, de Laís Melo: O ganhador do Kikito de Melhor Realização do Festival de Gramado de 2025 inventaria agressões às vivências femininas, mas também resiliência. Glória, sua personagem central, vivida por Saravy, é operária numa fábrica de alimentos, que faz aqueles pipocões doces do saco rosa. Tem três filhas. Tem amigas fidelíssimas. Tem fé no Santo, batendo cabeça para as entidades que lhe abrem caminho. Mudou para

o Centro, com o intuito de dar às suas meninas uma vida melhor, próxima da escola. No emprego, ela engata num processo seletivo que pode lhe assegurar um aumento... de tarefas e de salário. Tudo parece bem, mas parecer e ser... na linhagem de filmes sobre opressão laboral em que Laís insere o longa... não são sinônimos. O notável desenho de som de Tulio Borges agrava os silêncios de Glória.

KASA BRANCA, de Luciano Vidigal: A vertente histórica do naturalismo, que vem lá da prosa literária, com “O Cortiço”, é usada nesta crônica de alianças numa perspectiva solidária (e não catastrofista), a fim de ilustrar a vida de três jovens amigos num cotidiano de reeducação afetiva: Dé (Big Jaum), Adrianim (Diego Francisco) e Martins (Ramon Francisco, hilário). O trio vive os perrengues de uma cidade que isolou bairros e municípios distantes do mar, padecendo de um serviço de saúde deficitário na rede hospitalar pública. Apesar das várias dificuldades, a galera não esmorece. Retinas se encantam pela fotografia de Arthur Sherman, premiada no mesmo Festival do Rio em que Vidigal ganhou a láurea de Melhor Direção.

CARAMELO, de Diego Freitas, e O FILHO DE MIL HOMENS, de Daniel Rezende: Em meio a todo o debate acerca da regulação do streaming, a Netflix apostou na criação de conteúdo nacional originalíssimo, com dois filmaços que explodiram em audiência na plataforma no segundo semestre. De um lado, a saga de um chef de cozinha condenado à dor por uma doença terminal encontra num cãozinho uma esperança, atestando a força da natureza que Rafael Vitti é. Do outro lado vem a primeira adaptação de um livro do escritor luso Válder Hugo Mãe, com foco na isca e no anzol que o pescador Crisóstomo (Rodrigo Santoro, brilhante) joga ao mar, dia após dia, em sua fome de peixe bom e em seu sonho de ter um filho.

EU E MEU AVÔ NIHONJIN, de Celia Catunda: Amparada numa direção de arte de colorido lívido, inspirada pelas pinturas do urbanista Oscar Oiwa, a realizadora por trás do fenômeno “Peixonauta” nos apresenta a vontade de potência de Noboru, um descendente de imigrantes do Japão, que passa a investigar a história de sua família após ouvir as memórias do avô. Ao longo dessa jornada animada, ele descobre a existência de um tio misterioso e reflete sobre o que significa ser nipo-brasileiro, entre tradições herdadas e o desejo de pertencer a dois mundos. Ken Kaneko e Pietro Takeda integram o elenco de vozes desta animação regada pelos acordes de uma trilha original de Márcio Nigro e André Abujamra.

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Pela primeira vez na História das artes, a maior bilheteria de um ano cinematográfico, na marca do bilhão, não tem conexão alguma com os EUA. O título coube à China, de onde veio “Ne Zha 2 - O Renascer da Alma”, animação cercada de ancestralidade que faturou US\$ 2,1 bilhão. Não deu para Hollywood dessa vez, que só brilhou entre as cifras bilionárias, via Disney, com o noir animado “Zootopia 2” e com “Lilo & Stitch”. O cinemão está chegando lá com mais uma frente: “Avatar: Fogo e Cinzas”, o (tedioso) capítulo três da saga ecológica (e sem alma) de James Cameron. Se o dinheiro da Meca hollywoodiana não entrou como no passado, isso tem a ver, em parte, com o redesenho do mercado em prol do colorido global. Épicos da Índia e desenhos japoneses se impuseram como ímãs de plateia, ao mesmo tempo em que longas falados em línguas sem conexão alguma com povos anglo-saxônicos reinam nas grandes premiações do cinema. Confira a seguir os achados de 2025:

O FILME DO ANO:

UMA BATALHA APÓS A OUTRA (“One Battle After The Other”), de Paul Thomas Anderson (EUA): Perfidia Beverly Hills é “A” personagem do ano. Teyana Taylor só precisa de um punhado de minutos em cena para se fazer onipresente, como vetor de empuxo na vida de homens que a amaram (ou a desejaram) capaz de expor racismos institucionalizados pelo país que elegeu Donald Trump, sem vergonha da xenofobia que ele encampa em sua política de extrema direita. Ela deixou uma filha, hoje adolescente (Chase Infiniti), pela qual o especialista em explosivos Pat (Leonardo DiCaprio, com jeitão de Grande Lebowski) zela com todo amor. O problema de Pat é o militar Lockjaw, um oficial imparável em seu predatismo contra grupos revolucionários (vivido por um assombroso Sean Penn). Ele teve um trelelê com Perfidia lá atrás e não se desgarrou da lembrança dela. Numa corrida para proteger sua filha, traduzida em tomadas vertiginosas, o personagem borracho de DiCaprio reinventa o conceito do loser numa sociedade pautada pelo lucro, assegurando ao realizador de cults como “Magnólia” (Urso de Ouro de 2000) e “Sangue Negro” (2007) mais uma obra-prima.

Confira a seguir o que mais se viu de imperdível de janeiro para cá:

NOSSO RANKING DE 2025:

PECADORES (“Sinners”), de Ryan Coogler (EUA): O melhor filme do primeiro semestre, imbatível, é um exemplar do filão terror antirracista, o mesmo que nos deu



Uma Batalha Após a Outra

A hora e a vez de grandes artesões autorais

Titãs como Paul Thomas Anderson, Ryan Coogler e Jafar Panahi reafirmam sua relevância num ano cheio de experimentos de terror, com novo ‘Superman’ e com fenômeno chinês



Pecadores



Levados pelas Marés

“Corra!” (2017), com vampiros e a Ku Klux Klan a atazanar os juízos de dois empresários do ramo da Caninha da Roça que dão ao blues lugar de honra em seus negócios. Os negociantes em questão, irmãos gêmeos, têm o ator Michael B. Jordan, da franquia “Creed” (2015-2023), como intérpretes, numa atuação em (duplo) estado de graça. Quem dirige o astro nos papéis dos manos Moore, Elijah Smoke e Elias Stack, é o parceiro mais frequente dele,

Coogler, o realizador de “Pantera Negra” (2018). Sua trama, decolonial, põe sugadores de sangue num bar de beira de estrada, no Mississippi pós I Guerra, na qual múltiplas ancestralidades egressas da África se manifestam. Seu faturamento beirou US\$ 364 milhões.

LEVADOS PELAS MARÉS (“Feng Liu Yi Dai”, no original/ “Caught by the Tides”), de Jia Zhangke (China): O ganhador do

Prêmio da Crítica na Mostra de São Paulo no ano passado acompanha a jornada emocional de Qiaoqiao (papel da atriz Zhao Tao, atual companheira de Jia) em busca de um amor perdido, ao passo que, ao largo de sua cruzada sentimental, sua nação passa por mudanças vertiginosas. Ao longo de duas décadas — de 2000 ao início dos anos 2020 —, Qiaoqiao e Bin vivem um amor intenso e frágil na cidade chinesa de Datong, que sofre de dificuldades

financeiras. Repentinamente, Bin vai embora para tentar a sorte em um lugar maior. Algum tempo depois, Qiaoqiao parte em uma jornada para reencontrá-lo. Esse tráfego gera, na tela, um amálgama de ficção e registro documental de harmonia plena.

MEU BOLO FAVORITO (“Keyke Mahboobe Man”), de Maryam Moghadam e Behtash Sanaechea (Irã): Ganhador do Prê-

mio da Crítica e do Prêmio do Júri na Berlinale de 2024, esta trama romântica outonal do Irã assume dois septuagenários, uma viúva e um taxista, como eixos para devassar os garrotes morais de sua pátria. Mahin (Lily Farhadpour), que perdeu o marido há cerca de três décadas, criou (bem) a filha e hoje vive sozinha, aos 70 anos. Na mesma idade, o motorista Faramarz (Esmaeel Mehrabi) também lida com a solidão em seu dia a dia. Durante uma noite, num encontro casual, eles vão provar do gostinho do benquerer. Sua codiretora, a atriz e cineasta Maryam Moghadam, é conhecida aqui por “O Perdão” (2021).

DREAMS (SEX LOVE) (“Drømmer”), de Dag Johan Haugerud, e VALOR SENTIMENTAL (“Affeksjonsverdi”), de Joachim Trier (Noruega): Embora costume se destacar mais via Dinamarca e Suécia, as artes escandinavas se fizeram aplaudir (e premiar) este ano por vias norueguesas, vencendo a Berlinale e tomando Cannes de assalto. Haugerud foi o ganhador do Urso de Ouro da Berlinale de 2025 com este drama sobre a experiência do primeiro amor, que compõe uma trilogia com “Sex” e “Love”, ambos de 2024. Seu enredo faz uma ode à literatura ao narrar angústias da aspirante a Clarice Lipector chamada Johanne (Ella Øverbye) no registro (em prosa) de suas fantasias sentimentais por uma mulher mais velha, que jamais a enxerga com desejo. Já Joachim conquistou o Grande Prêmio do Júri da Croisette ao narrar o acerto de contas familiar entre um cineasta à la Bergman, o realizador Gustav Borg (papel de um titânico Stellan Skarsgård) com as filhas Nora (Renate Reinsve) e Agnes (Inga Ibsdotter Lilleaas).

SUPERMAN, de James Gunn (EUA): Após “Guardiões de Galáxia” (2014-2023) e “Esquadrão Suicida” (2021), o nerd do momento da indústria audiovisual, famoso por uma dramaturgia debochada, reinventa o sobrevivente de Krypton, com o eficaz ator David Corenswet no papel central, usando Kal-El como alegoria para estrangeiros em diáspora. O sujeito que perdeu seu planeta cai na Terra, onde se faz um vigilante, em prol da Justiça. Apesar de seu altruísmo, sua origem “estrangeira” faz dele um incômodo para uma América que, num espelhamento da Era Trump, pratica a xenofobia como prática de estado. Seu Trump é um Lex Luthor brutal, bem diferente do jeitão Zé Pelintra celebrado por Gene Hackman (no “Superman” de 1978), que atesta a excelência Nicholas Hoult. Destaque para Nathan Fillion, como o Lanterna Verde com cabelinho de cuia Guy Gardner, e para Pruitt Taylor Vince com o pai terreno de Kal-El.

CAIAM AS ROSAS BRANCAS! (“Caigan Las Rosas Blan-



Meu Bolo Favorito



Dreams (Sex Love)



Sentimental Value



A Hora do Mal



Sem Chão (No Other Land)

cast!”), de Albertina Carri (Argentina): O novo longa da diretora de “As Filhas do Fogo” (2018) tem o Brasil entre seus produtores. Na trama, Violeta (Carolina Alamino) fez um sucesso estrondoso com seu filme pornô lésbico amador, mas muito inventivo. Como resultado, ela foi contratada para escrever e dirigir uma versão um tanto mais convencional de seu cult. Suas opiniões sobre gênero e sobre cinema não se encaixam muito bem no ambiente

mais profissional da produção audiovisual. Na vivência da inadequação, ela decide filmar com liberdade plena, numa viagem de carro, do sul de Buenos Aires a São Paulo.

A HORA DO MAL (“Weapons”), de Zachary Cregger (EUA): Até a personagem da tia má, a Sra. Gladys (papel de Amy Madigan), aparecer, espectadoras/es deste megassucesso de bilheteria (custou US\$ 38 milhões e fatu-

rou US\$ 267,5 milhões) agarram-se à cadeira e roem as unhas até à raiz, tentando perceber que diabo aconteceu ao grupo de alunos da professora Justine (Julia Garner). Um dia, ao chegar para dar aula, ela se dá conta de que 17 crianças desapareceram, restando apenas uma: o pequeno Alex (Cary Christopher). Ninguém sabe o que aconteceu com a gurizada, o que leva muitos pais, sobretudo o Sr. Archer Graff (Josh Brolin, monu-



Superman



Caiam as Rosas Brancas



A Prisioneira de Bordeaux



Foi Apenas Um Acidente

mental na sua atuação), a criarem rancor contra Justine e a duvidar da sua índole. Algo nas raías da feitiçaria vai se fazer notar ao largo do sofrimento dela, respingando (sangue) sobre um diretor de escola (Benedict Wong) e seu companheiro, expondo homofobia, sexismo e outras malévolas formas de exclusão.

A PRISIONEIRA DE BORDEAUX (“La Prisonnière De Bordeaux”), de Patricia Mazuy (França): Sensação da Quinzena de Cineastas do Festival de Cannes de 2024, este thriller perfumado de sororidade propõe um ensaio sobre alteridade no bastidor do universo carcerário. Isabelle Huppert interpreta Alma Lund, uma mulher de classe alta que vive sozinha desde a prisão do marido. Num dia de visita a ele, conhece Mina Hirti (Hafsia Herzi), uma jovem mãe que foi visitar o companheiro, mas, por questões burocráticas, não poderá vê-lo e deve voltar no dia seguinte. Ela mora longe - em uma cidade a três horas de distância. Alma simpatiza com ela e oferece estadia em sua casa. Começa aí uma amizade improvável, que toma contornos inesperados, num filme que discute violências econômicas.

SEM CHÃO (“No Other Land”), de Yuval Abraham, Basel Adra, Hamdan Ballal e Rachel Szor (Palestina): Um inventário geopolítico construído como um exercício de não ficção, esta produção foi coroada com o Oscar de Melhor Documentário, abrindo um debate sobre a rota do ódio no Oriente Médio. Nele, um ativista palestino filma sua comunidade sendo destruída pela ocupação de Israel. No processo, constrói uma improvável aliança com um jornalista israelense que quer se juntar à sua luta. Dessa aliança, surge um tocante ensaio documental.

FOI APENAS UM ACIDENTE (“Un Simple Accident”), de Jafar Panahi (Irã): No arranque dessa produção ganhadora da Palma de Ouro, o diretor de “O Balão Branco” (1996) segue num carro onde um casal tenta conter uma menininha em plena euforia, com seu boneco de pelúcia preferido. Uma colisão trava o veículo. A pequena tem medo do que se passa, mas o pai a acolhe, ainda que com severidade. Nesse início tenso, ocorre o tal “simples acidente” do título, que deflagra uma cruzada de revanche sem medo de exposições gráficas da violência. O pai entra num galpão para pedir ajuda e alerta um operário, Vahid, que parece reconhecer o som característico do seu andar manco, fruto de uma prótese na perna. No dia seguinte, Vahid bate na cabeça desse homem com uma pá antes de colocá-lo na parte de trás de sua van. Ali se dá uma cruzada de vingança contra as arbitrariedades de um regime opressivo.



Não Me Entrego Não!



A Cerimônia do Adeus

Um ano de dramaturgias arrojadadas

Confira os espetáculos teatrais que arrebataram plateias. Originalidade e representatividade ecoaram forte nos palcos cariocas e pelo Brasil afora



O Céu da Língua

CLÁUDIO HANDREY Especial para o Correio da Manhã

A temporada teatral de 2025 nos palcos cariocas foi marcada por uma dramaturgia arrojada, na qual autores aventuraram-se poética e intensamente. Vamos elencar, abaixo, alguns destaques entre os espetáculos encenados por aqui devidamente elencados por categorias.

DRAMATURGIAS PODEROSAS

Gregório Duvivier entrega-nos o seu metafórico “O Céu da língua”, Leonardo Netto aposta numa narrativa pungente com seu “O Motociclista no Globo da Morte”, Miguel Falabella e sua maestria incessante, presenteia-nos “A Sabedoria dos Pais”, Carolina Lavigne e Ricardo Santos investem na humanidade em “O Nome do Rato”, Jô Bilac clarifica o jogo teatral em seu “Férias”, João Cícero Bezerra revela-nos o seu instigante “Tarde”, Oscar Calixto expõe reflexão em seu “Limítrofe”, Gustavo Paso alegre-nos com seu metateatro “De Perto Ninguém É Normal”, Silvia Gomez retorna com sua poderosa “Lady Tempestade”, e Gerald Thomas com sua delirante tragicomédia “Traidor”.

MONTAGENS ADMIRÁVEIS

Alguns espetáculos sobressaíram: “O Céu da Língua”, “(Um) Ensaio Sobre a Cegueira”, “O Som Que Vem de Dentro”, “Limítrofe”, “O Motociclista no Globo da Morte”, “A Sabedoria dos Pais”, “De Perto Ninguém É Normal”, além de espetáculos notáveis que voltaram em cartaz como “Prima Facie”, “Traidor” e “Lady Tempestade”.

ATUAÇÕES DE TIRAR O FÔLEGO

Fernanda Montenegro oferece-nos o retorno das leituras de Nelson Rodrigues e Simone de Beauvoir. Marco Nanini ratifica o seu talento em “Traidor”. Othon Bastos personifica teatro em “Não Me Entrego, Não”,



Divulgação

O Traidor



Divulgação

Lady Tempestade



Dalton Valério/Divulgação

CHOQUE! Em busca de vida inteligente



Annelize Tozetto/Divulgação

Prima Facie



Nil Caniné/Divulgação

Claustrofobia



Carlos Costa/Divulgação

Férias



Leo Aversa/Divulgação

Beetlejuice

Gregório Duvivier brilha em “O Céu da Língua”, Andréa Beltrão ilumina-se em “Lady Tempestade”, Debora Falabella plena em dramaticidade com “Prima Facie”, Eduardo Moscovis emociona em “O Motociclista no Globo da Morte”, Patrícia Selonk impressiona com sua Winnie em “Dias Felizes”, Drica Moraes impagável em “Férias”, Eduardo Sterblitch hilariante em “Beetlejuice – O Musical”, Carlos Marinho primoroso em “Tarde”, Marcio Vito notabilizou-se novamente em “Claustrofobia”, André Gonçalves e Daniel Dantas concedem ótimas performances em “Toc Toc”, Glaucia Rodrigues repleta de ferramentas em “O Som Que Vem de Dentro”, Claudio Gabriel num timing perfeito em “Ela e Algumas Histórias”, Bruce Gomlevsky, sempre assertivo em “Raul Seixas, o musical” e “Hamlet”, e Anderson Cunha diverte-nos com “De Perto Ninguém É Normal”. Yara de Novaes supera-se dirigindo “Prima Facie”, Paulo de Moraes instiga na condução de “Dias Felizes”, Rodrigo Portella agiganta-se na encenação de “(Um) Ensaio Sobre a Cegueira”, Eduardo Barata gratifica-nos idealizando e dirigindo “Haddad e Borghi: Cantam o Teatro Livres em Cena”, com os mestres Amir Haddad e Renato Borghi, Gerald Thomas permanece criando rupturas, presenteando o público em “Traidor” e “Choque: Procurando Sinais de Vida Inteligente”, a ótima Cia Epigenia, que acerta em investir no humor, além dos musicais que continuam encantando nossos palcos.

CENOGRAFIAS, FIGURINOS, TRILHAS E GESTÃO

Nello Marrese cenografa com extremo bom gosto “A Manhã Seguinte” e “O Som que Vem de Dentro”, André Cortez acerta em “Djavan, o musical”, Gustavo Paso ambienta seu “De Perto Ninguém É Normal” engenhosamente. Marcelo Olinto veste com exatidão o elenco de “Os Mambembes”, Ana Luzia de Simoni reluziu em “O Céu da Língua” e “O Motociclista no Globo da Morte”, Frederico Puppi impõe-se na direção musical de “(Um) Ensaio Sobre a Cegueira” e Marcelo Alonso Neves domina em “A Manhã Seguinte” e “Sábado”. As produções requintadas de Edson Fieschi e Luciano Borges, além do festival de teatro que o gestor cultural Rafael Raposo elaborou no teatro Gláucio Gil fizeram toda a diferença.



Guto Muniz/Divulgação

(Um) Ensaio Sobre a Cegueira



Divulgação

TOC TOC



Catarina Ribeiro/Divulgação

O Motociclista no Globo da Morte

Design e cultura da cidade em constante evolução

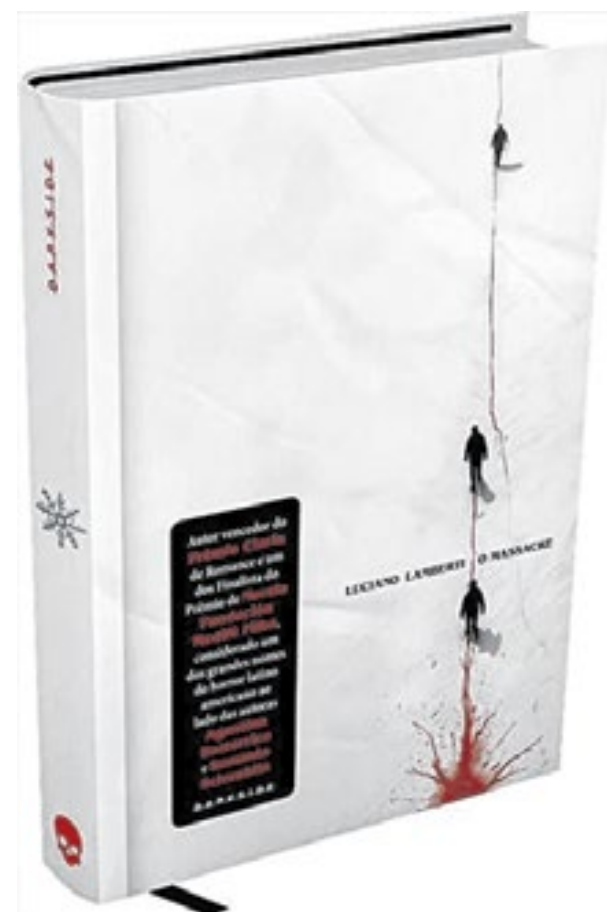
RICARDO GOMES | Os principais acontecimentos culturais de 2025 foram estampados nas páginas do #CM2, que passa por um intenso processo de reformulação gráfica. Forma e conteúdo a serviço da cultura seguindo com a tradição de usar os suplementos culturais como laboratórios de experiências gráficas que historicamente se espriam por todo o corpo dos jornais.

Honrando a tradição inaugurada por Reynaldo Jardim e Amílcar de Castro, o #CM2 inicia sua linha evolutiva em busca da batida perfeita do design editorial.

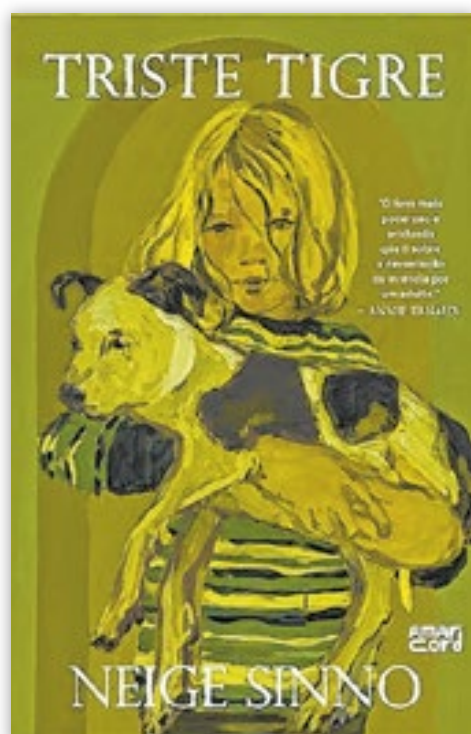




Algumas das melhores leituras do ano



Uma seleção de livros resenhados ao longo de 2025 no #CM2



OLGA DE MELLO

Especial para o Correio da Manhã

Este ano, como muita gente, deixei de ler, ver, ouvir, descobrir muita coisa. A indústria cultural entope o público com tantos produtos novos que não há como viver e ler tudo o que aparece. É assim que justifico esta lista pessoal, parcial e, provavelmente, falha, por não contemplar muito do que se falou por aí. Ficaram de fora títulos muito comentados, que aguardam o momento certo para a leitura, ao longo dos próximos meses. Eis, então, alguns livros que me encantaram em 2025.

Em “Sinais de nós” (Relicário, R\$ R\$ 59,90), a chilena Lina Meruane recorda sua infância no Chile sob Pinochet, quando seus colegas do colégio particular britânico para crianças de classe média alta abandonam os estudos – por falta de recursos para pagar a escola ou problemas políticos das famílias. A violência “sem nos tocar, sem ferir os nossos” atinge até quem não se considera conivente com a ditadura, que afasta de seu território também os que nada fazem para combater o regime.

Um dos mais impressionantes relatos sobre o incesto e a violência sexual contra crianças, “Triste Tigre” (Amarcord/Record, R\$ 69,90), da francesa Neige Sinno, apresenta o estupro de vulnerável na literatura e trata do trauma da autora, violentada pelo padrasto da infância até a adolescência. Aos 19 anos, depois de denunciar o agressor, processado e preso, ela entendeu que certos crimes recaem sobre as vítimas. Poucos vizinhos continuaram se dirigindo à família.

Finalista do prêmio Jabuti deste ano, Jefferson Tenório volta a abordar o racismo brasileiro em “De onde eles vêm” (Companhia das Letras, R\$ 67,90), romance que

acompanha a trajetória ficcional de um dos primeiros

costistas em universidade pública brasileira. Joaquim precisa enfrentar toda sorte de dificuldades financeiras e sociais para não desistir da graduação no curso de Letras e superar as críticas silenciosas de professores e colegas quanto à inadequação das políticas que tentam amenizar as desigualdades sociais.

“Diários de Gaza – A memória é uma casa indestrutível” (Tabla, R\$ 64,90) reúne textos escritos nos três primeiros meses de ataques a Gaza, dois anos atrás. Médicos, escritores, jornalistas, cineastas, professores, estudantes, artistas relatam suas próprias experiências ou de outros que veem famílias dizimadas no cerco a uma população lentamente exterminada pelo Estado de Israel, sem apontar os culpados pela barbárie. Sobreviver em meio ao caos é o único objetivo dos que se apoiam nos escombros de uma cidade, enquanto enterram seus mortos.

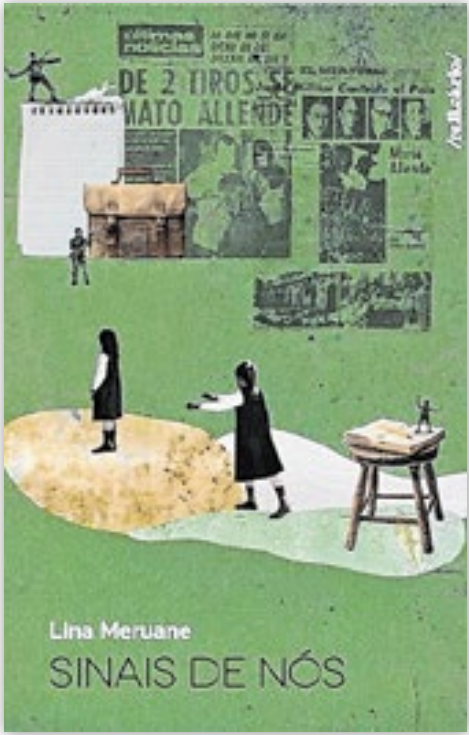
“Ser sustentável” (Pirilampo, R\$ 40), traz as contundentes crônicas da jornalista Amelia Gonzalez, publicadas em colunas no portal G1 e em seu blog, que emprestou o título para o livro. Entrevistas notáveis com o pensador Noam Chomsky e a ex-primeira-ministra da Noruega, Gro Brundtland, criadora da expressão “desenvolvimento sustentável”, também estão entre os deliciosos textos de Amelia, que apresenta as questões ambientais de forma muito pessoal, como se conversasse com o leitor, enquanto adverte para a crise que demoramos tanto para reconhecer e enfrentar.

“Kintsugi” (Rocco, R\$ 59,90), da chilena María José Navia, conta a trajetória de uma família fragmentada, simbolizada pelo título da prática japonesa de restaurar peças de cerâmica ou porcelana usando laca e pó de ouro, prata ou platina, evidenciando as rachaduras, que se tornam novos componentes da história do objeto. Os diversos protagonistas revelam, cada qual em um capítulo, os traumas que estruturam uma família despedaçada ao longo de décadas, sem oferecer explicações claras para os motivos de tantas separações sequenciais. O recorte doloroso da silenciosa e reflexiva era da comunicação imediata traz reflexão para o momento em que o cotidiano se sustenta em pequenos acasos efêmeros.

Um surto de violência em uma pequena



Fotos/Reprodução



Em “Estrelas errantes” (Rocco, R\$ 67,40), Tommy Orange retoma a temática do amordaçamento cultural dos indígenas norte-americanos através dos programas de “reeducação” de crianças, levadas para escolas onde aprendiam valores europeus, incluindo o cristianismo, e os massacres que reduziram as populações nativas de 25 milhões de indivíduos para 2 milhões de pessoas. Indicado ao Booker Prize, o romance mostra o quanto o genocídio das nações indígenas marcou seus descendentes que ainda sofrem toda a sorte de preconceitos, incorporando mais hábitos nocivos da sociedade branca, protestante e anglo-saxã, como o consumismo e o consumo de drogas.

Constrangido em conversar sobre desigualdade social com crianças que desconhecem tal realidade? “O prato vazio” (Ação Editora, R\$ 73,90), de Adriana Falcão, com ilustrações de Bruno de Almeida, trata do incômodo tema pelo ponto de vista de um prato, que não vê sentido em estar vazio, nem que alguém sinta fome. Um dos primeiros títulos do recém-criado selo editorial da Ação para a Cidadania, o livro quer discutir questões do momento, entre elas o dilema entre pagar um crediário ou comprar comida, vivido pela mãe de uma menina que questiona se há mais valor na propriedade ou no atendimento às necessidades básicas da sobrevivência.



localidade turística na Patagônia, ocorrido depois da queda de um meteorito que emite energia, provocando delírios e agressividade generalizada são analisados em depoimentos dos sobreviventes por relatórios policiais e recordações pessoais em “O massacre” (Darkside, R\$ 69,90), do argentino Luciano Lamberti. Qualquer metáfora com os regimes de força se apequena diante da trama, mais envolvente do que explicações e justificativas para a estupidez que domina a população de menos de cem pessoas. As reflexões depois da conclusão, no entanto, levam às culpas, aos temores, a tudo que se abre mão em prol da sobrevivência frente à violência extrema.

Único livro publicado em vida pela antilhana Françoise Ega, “O tempo da infância” (Todavia, R\$ 68,50), traz recordações de sua meninice paupérrima, mas feliz, no início do século XX, em um lugarejo de subsistência básica, onde plantas ornamentais crescem na terra, sem ter as raízes “apriionadas” em vasos – o que a menina vê pela primeira vez ao visitar parentes na capital da ilha. Em Morne-Rouge, na Martinica, ela aprende francês, deixando de lado o idioma local, antes de deixarem a ilha para viverem na França, onde ela se tornou uma importante militante dos direitos dos migrantes.

Intrigante desde a secreta identidade de seu autor, o youtuber japonês Ukatsu, que só se apresenta de máscara, os dois livros da série “Casas Estranhas” (Intrínseca, R\$ 49, cada) têm tramas que poderiam ser transpostas para qualquer cidade grande do planeta. Analisando plantas de edificações cujos cômodos não obedecem a uma lógica arquitetônica, um escritor e seu amigo projetista investigam as histórias de ex-moradores de casas, a pedido, geralmente, de candidatos à compra dos imóveis. As narrativas tornam o leitor participante das pesquisas da dupla, que já venderam mais de 1,8 milhão de exemplares mundo afora.

Solidão em situações-limite salpicam os 18 contos de “O Buraco do Mundo” (Numa, R\$ 60), de Maria Sílvia Camargo, até quando o realismo fantástico domina a narrativa. Desigualdade, violência urbana, decisões individuais se sucedem em cenários distintos que escondem rancores e revolta, com protagonistas sufocados pela angústia dos conflitos internos pautados na mesmice da contemporaneidade.



Gilberto Gil



Caetano Veloso e Maria Bethânia

A música brasileira continua linda



Lô Borges

AFFONSO NUNES

Com o fim de 2025 chegamos ao fim do primeiro quarto do século 21, um período que sinaliza mudanças de bastão na música popular brasileira. Ainda que os nomes mais emblemáticos de nossa canção popular ainda estejam em atividade é notório que uma nova e potente geração de cantores e compositores pode passar. E o movimento mais forte nesse sentido foi dado talvez por um de nossos maiores arquitetos sonoros, Gilberto Gil que, aos 82 anos, empreendeu sua despedida dos grandes palcos com a turnê “Tempo Rei”. Não, ele não está se aposentando: seguirá criando e se apresentando em espaços menores, mais intimistas e longe da pressão de uma temporada extensa de shows pelo mundo.

O show de encerramento, na Arena Fonte Nova, em Salvador, foi um espetáculo de alta tecnologia e profunda emoção, reunindo mais de 40 mil pessoas. O setlist, cuidadosamente curado, atravessou o Tropicalismo, o reggae, o samba e a música eletrônica orgânica que Gil explorou em décadas recentes.



Liniker

Momentos como a execução de “Drão” e “Cálice” levaram o público às lágrimas. A turnê também serviu para reafirmar a conexão de Gil com a nova geração, inclusive de sua família como o trio Os Gilsons - formado por filho e dois netos - e o despontar da neta Flor Gil. Tudo isso num ano em que o patriarca chorou a morte da filha Preta.

E se Gil representa anos gloriosos da MPB, a cantora Liniker se firma no presente e futuro. Seu álbum “Caju”, lançado no final de 2024, atingiu seu auge em 2025. É um manifesto musical que redefine sonoridades ao fundir ao agregar soul, o jazz e o samba à boa velha

MPB com seu lirismo visceral. No Grammy Latino 2025, realizado em Las Vegas, Liniker fez história ao se tornar a brasileira mais premiada da noite. Ela conquistou três gramofones de ouro, incluindo as categorias de Melhor Álbum de Pop Contemporâneo em Língua Portuguesa e Melhor Canção em Língua Portuguesa por “Veludo Marrom”. O impacto de “Caju” foi tão grande que a versão em vinil duplo tornou-se o item de colecionador mais desejado do ano, com tiragens esgotadas em minutos. A artista mostrou na prática que a nova MPB pode ser sofisticada, popular e politicamente relevante,

Gil faz a turnê de despedida dos palcos; show de Caetano e Bethânia atrai multidões; estrela de Liniker brilha forte e a nova geração chega com talento de sobra

tudo ao mesmo tempo.

Voltando aos medalhões, outro marco que reverberou (e muito) neste 2025 foi a turnê conjunta de Caetano Veloso e Maria Bethânia, o maior evento de bilheteria da história da música brasileira recente. Os irmãos percorreram estádios por todo o país, provando que a MPB clássica ainda possui um apelo de massa capaz de rivalizar com o pop internacional. A harmonia vocal impecável e a capacidade de renovação de clássicos como “Reconvexo” e “O Leãozinho” mostraram que o vigor artístico de Caetano e Bethânia segue intacto.

O Grammy Latino 2025 também serviu para destacar a diversidade de gêneros que compõem a identidade musical do Brasil. Luedji Luna, com o álbum “Um Mar Pra Cada Um”, venceu na categoria de Melhor Álbum de Música Popular

Brasileira, consolidando sua posição como uma das vozes mais potentes da música afrobrasileira. No campo das raízes, o trio formado por João Gomes, Mestrinho e Jota. pô conquistou o prêmio com o álbum “Dominguinho”, um tributo emocionante que uniu o piseiro moderno à tradição do acordeom.

O samba e o pagode também tiveram seu momento de glória com a vitória do Sorriso Maroto, que homenageou o grupo Fundo de Quintal, enquanto o BaianaSystem levou o prêmio de Melhor Álbum de Rock ou Música Alternativa com “O Mundo Dá Voltas”, reafirmando sua capacidade de fundir a guitarra baiana com ritmos globais.

O cenário musical de 2025 também foi marcado pela consolidação definitiva do “Pop-MPB”, um subgênero que une a sofisticação harmônica da música brasileira



Jards Macalé



Hermeto Pascoal



Nana Caymmi



Luedji Luna



Chico Chico



Jonathan Ferr



Arlindo Cruz



Josiel Konrad



Duquesa



Juliana Linhares

tradicional com a estética visual e o alcance do pop global. O maior expoente desse movimento foi Jão e sua “Superturnê” que lotou estádios com uma produção que remete aos grandes shows internacionais. Jão provou que é possível manter a essência da canção popular num espetáculo de entretenimento de alto nível. Paralelamente, o pagode reafirmou sua posição como um dos pilares centrais da música popular. O projeto “Numanice”, de Ludmilla, atingiu patamares inéditos de faturamento, influenciando toda uma nova safra de artistas que buscam na samba e no pagode a sua identidade.

Os festivais em 2025 serviram como os grandes termômetros da indústria. O The Town, em São Paulo, e o Rock in Rio mantiveram espaços generosos para a MPB, promovendo encontros inéditos entre gerações. Além dos gigantes, festivais de médio porte como o Coala Festival e o Festival Novas Frequências focaram na experimentação, trazendo nomes como Silva e Marina Sena, que continuam a expandir as fronteiras do que entendemos por música popular.

A vitalidade da cena independente também deve muito à plena execução das leis Paulo Gustavo e Aldir Blanc 2, que permitiram

que artistas de regiões fora do eixo Rio-São Paulo pudessem gravar seus álbuns e realizar turnês. Vimos uma explosão de talentos vindos do Norte e Nordeste, como a consolidação de Melly, da Bahia, e a ascensão de novas bandas de Belém do Pará, que trouxeram o tecnobrega e a guitarrada para o centro da discussão estética nacional. E nos centros urbanos temos nomes interessantes como Chico, Chico, Dora Morelenbaum, Theo Bial, Juliana Linhares...

A cena instrumental também merece ser lembrada, a começar pela ascensão global de músicos como os pianistas Amaro Freitas e Jonathan Ferr. O violão virtuoso de Yamandu Costa segue como um poderoso embaixador de nossas sonoridades como na turnê em conjunto com o cantor português António Zambujo, que encantou plateias aqui e no exterior.

O vigor da cena instrumental também foi impulsionado por um circuito de festivais pulsante, como o MIMO, o Savassi Festival e o Festival Assad, que abriram espaço para inovações como o jazz-funk periférico do trombonista Josiel Konrad e o virtuosismo melódico do Cristian Sperandir Trio.

A rapper Duquesa elevou o nível do hip-hop nacional com o projeto “Taurus”, apresentando rimas afiadas e uma estética visual poderosa. Essa safra de artistas, que inclui ainda nomes como Ajuliacosta e Bebé que ocupam posições de destaque nas paradas de streaming e lideram um movimento afrofuturista no qual a ancestralidade é celebrada através de produções eletrônicas de vanguarda.

O panteão da música brasileira sofreu golpes duríssimos em 2025, com a partida de figuras emblemáticas. A perda de Hermeto Pascoal, em setembro, aos 89 anos, silenciou o “Bruxo” da música universal, cujo gênio transformava qualquer objeto em som e cuja liberdade criativa servia de norte para instrumentistas de todo o planeta. Pouco depois, em novembro, o Brasil despediu-se de Jards Macalé, aos 82 anos, o eterno “maldito” da MPB que, com sua mistura de deboche, sofisticação e violão cortante, foi um dos maiores arquitetos da vanguarda nacional. Somam-se a eles a partida de Lô Borges, também em novembro, encerrando um capítulo fundamental da harmonia mineira do Clube da Esquina, e a de Arlindo Cruz, cujas rimas perfeitas deixaram legado incontestável no mundo do samba. O falecimento de Nana Caymmi, em maio, retirou de cena a voz mais dramática e densa da canção brasileira, enquanto a morte de Preta Gil, em julho, comoveu o país pela perda de uma artista que simbolizava a alegria e a luta contra todas as formas de preconceito.

Saudosos sim, mas eternos com suas obras.

O ecossistema musical vibra mais do que nunca, pois a maior riqueza do Brasil está nas suas vozes.

10 DICAS

DISCOS |

AQUILES RIQUE REIS

Tesouros

nacionais

A música brasileira é, inegavelmente, a mais rica do mundo, com sua diversidade de ritmos e sotaques. É negra, branca e indígena. É cantada e instrumental. É do mainstream e independente. É rural e urbana. É ancestral, contemporânea e futurista. Apresento, abaixo, uma relação dos álbuns mais interessantes que resenhei para o #CM2 ao longo de 2025. Aproveitem!

EDU DO PIFE (CARLOS MALTA E PIFE MUDERNO)

Carlos Malta e Pife Muderno celebram a obra de Edu Lobo em álbum que reúne pifes e percussão potente. Malta, encantado desde os sete anos com “Ponteio”, criou arranjos refinados para treze músicas, com participações de Edu Lobo, Hermeto Pascoal, Matu Miranda e Jaques Morelenbaum. O repertório inclui “Zanzibar”, “Água Verde”, “Casa Forte” e parcerias com Chico Buarque, numa autêntica versão Brasil na veia que enriquece a obra arrebatadora de Edu Lobo.



COM QUE ROUPA (CARLOS CAREQA)

EP que demole convenções ao reinterpretar Noel Rosa com ousadia anticonvencional. Carlos Careqa, influenciado por Chico Mello, une-se ao multi-instrumentista Marcio Nigro para criar versões originais de clássicos como “Com Que Roupas?”, “João Ninguém”, “Palpite Infeliz”, “Três Apitos” e “Último Desejo”. Com produção eletrônica, voz teatral e arranjos que mesclam tradição e experimentação, o trabalho renova a pureza de Noel com coragem e talento de um “desarrumador” irrequeto de convenções musicais.



FANTASIA BRASIL 2 (DUO RAFAEL BECK E FELIPE MONTANARO)

Dois jovens multi-instrumentistas do interior paulista - Rafael Beck (24) nas flautas e Felipe Montanaro (19) no piano - apresentam segundo álbum repleto de criatividade. O repertório inclui Chico Buarque, Guilherme Arantes, Luiz Gonzaga e composição própria, com arranjos geniais que surpreendem a cada acorde. Os uníssonos, duos febris, busca por timbres e soluções harmônicas demonstram bom-gosto aguçado. Produção de Newton d'Ávila captura a alegria juvenil desses meninos que têm asas nas mãos.



SANGRIA (PEDRO IACO)

Álbum audacioso com composições próprias de Pedro Iaco (exceto “Valsa do Apocalipse” com Emílio Terron). Arranjos de Elodie Bouny complementam delírios poéticos do cantautor, com participações do Ensemble SP, Hansi Kürsch e Marcus Siepen (Blind Guardian), André Mehmari, Mû Mbanda e Coro Lírico. Destaque para instrumentações refinadas: cordas, harpa, cravo, vibrafone. O trabalho mostra evolução categórica de Iaco, com voz encantada e composições libertas que amalgamam música erudita e experimental baseada na popular, sem conflitos.



OLÓRI-AGBÁYÉ (BATUCADA TAMARINDO)

Primeiro álbum totalmente autoral da Batucada Tamarindo após vinte anos de atividade. Maracatus, tambores de mina e afrobeat encontram sintetizadores, violino, trompete, trombone em sonoridade que reafirma identidade afro-brasileira. Produção de Rodrigo Caçapa, com Dona Zezé, Dona Neta, Mãe Gê, Yaloris Genilce d'Ògún e Víh Davice. Olóri-Agbáyé (“cabeças universo” em iorubá) transforma individualidades em coletividade potente. Oito faixas inéditas louvar ancestralidade musical com vigor, dignidade e força libertária contra tiranias e preconceitos.



RECADO (PAULINHO BASTOS)

EP do multi-instrumentista macapaense Paulo Bastos celebra manifestações culturais da Amazônia amapaense. Marabaixos, zouks, batuques e maxixes expressam vivência ancestral das comunidades negras do Amapá. Participações de Oneide Bastos (mãe), Patrícia Bastos (irmã), Renato Brás, Marcelo Pretto, Sapopemba, Lucina Carvalho e Skipp. Repertório inclui “Ainda Índio”, “Igarapé”, “Pra Oca”, “Doce Rainha”, “Recado” e “Eu Vim do Mar”. Projeto contemplado pelo Edital Rumos do Itaú Cultural é grito de alerta e convite para conhecer musicalidade amapaense com frescor e excelência.



Fotos/Reprodução

AFRO-BRAZILIAN SUITE ANCESTRALITY FOR HARP, CELLO AND CLARINET (JOÃO MARCONDES)

Álbum erudito do compositor João Marcondes aproxima música erudita das raízes ancestrais afro-indígenas brasileiras. Duas formações instrumentais: harpa (Sole Yaya), violoncelo (Marialbi Trisolio) com clarinete (Ovanir Buosi) ou violino (Leandro Dias). Nove peças incluem “Overture: The Ant's Intertwined Step”, “Waltz: Golden Ancestry” e “Short Time”. Troca timbrística entre clarinete e violino proporciona diferença formidável de sonoridade. Gravação no Estúdio Arsis demonstra que erudito e popular são complementares em requintes, contrastantes em acordes, plurais em harmonias. Trabalho admirável e arrebatador.



ENSEADA PERDIDA (THIAGO AMUD)

Novo álbum do compositor, cantor e instrumentista Thiago Amud lançado em plataformas, CD e LP. Lado A traz “Baía de Janeiro” (samba exaltação enérgico), “Oração à Cobra Grande” (letra amazônica com atmosfera mântica), “Se Você Pensasse” (arranjo estridente), “Cidade Possessa” (marcha circense com Chico Buarque, convite às ruas) e “Mapa-Múndi” (arranjo suave com piano de Marcelo Galter). Direção artística de Amud e Sylvio Fraga, arranjos de Amud, produção de Alê Siqueira. Trabalho demonstra riqueza de recursos, voz bela e profundidade musical que completa na superfície da escuta.



MOACYR LUZ E O SAMBA DO TRABALHADOR – 20 ANOS

Documento histórico celebra duas décadas do Samba do Trabalhador no Clube Renascença. Moacyr Luz, predecessor do samba como Noel Rosa, cria triunvirato insofismável ligando seu nome ao samba e trabalhadores. Álbum traz novas parcerias com Dunga, Pedro Luís e Xande de Pilares, clássicos interpretados por Mingo Silva, Gabriel Cavalcante e Alexandre Marmita. Composições inéditas incluem “Vai Clarear” (sobre saúde de Moa), “Caboclo Para-Raios”, “Roda de Partido” e “Vou Tentando”. Participações de Marina Íris, Joyce Moreno e Pedro Luís. Produção de Leandro Pereira.



AMIZADE (ÁUREA MARTINS E CRISTOVÃO BASTOS)

Encontro afetivo celebra décadas de parceria entre a cantora Áurea Martins e o pianista Cristovão Bastos. Repertório inclui “Vem Hoje” (Moacyr Silva/Antônio Maria), “Doce de Coco” (Jacob do Bandolim/Hermínio Bello), “Neste Mesmo Lugar” (Armando Cavalcanti/Klécius Caldas), “Todo o Sentimento” (Cristovão Bastos/Chico Buarque), “Outra Vez, Nunca Mais” e “Voz de Samba”. Participações de Miguel Rabello e Gabriel Cavalcante. Direção musical e arranjos de Bastos. Álbum celebra voz rara de Áurea e genialidade pianística de Cristovão, criando atmosferas dilacerantes com distanciamento e afeto.



GASTRONOMIA | **NATASHA SOBRINHO**

(@RESTAURANTS_TO_LOVE) ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Arab



Açafraão

Para a noite da virada

Pratos clássicos, ingredientes simbólicos e o conforto de receber tudo pronto para a ceia

Na noite mais simbólica do ano, a mesa ganha papel central. Preparos tradicionais da data, ingredientes associados à prosperidade, abundância e continuidade aparecem bem executados, com bom produto e apresentação cuidadosa. Tudo chega pronto para servir, garantindo leveza à celebração e deixando espaço apenas para brindar, receber e atravessar o novo ano com elegância, intenção e sabor. Boas Festas!

AÇAFRÃO – O restaurante preparou um cardápio especial para as festas de fim de ano. Entre as opções de entrada estão: burrata com tomate confit e pesto e torradas (R\$ 160), bolinho de bacalhau (R\$ 50 - 10un) e salada de feijão fradinho (R\$ 160). Para os pratos principais destaque para o lombo suíno com calda de abacaxi (R\$ 320) e o polvo com batatas confit (R\$ 825). Os acompanhamentos vão desde arroz com cogumelos e amêndoas (R\$ 110) a lentilha da sorte (R\$ 60). Os pedidos devem ser feitos apenas sob encomenda pelo telefone (21) 9915-90072 e servem até 5 pessoas.

ARAB - O restaurante apresenta um cardápio especial de Ano Novo, reunindo algumas das receitas árabes mais tradicionais. Nas entradas, os destaques ficam por conta das pastas artesanais, como: hommus, baba ghanoush, labne, chanchich e a pasta de pimentão com nozes. O menu principal reforça a personalidade da casa, trazendo preparos ricos em especiarias e cozidos lentos. O cliente encontrará pratos como arroz com lentilha e cebola frita, pilaf sírio, tajin de cordeiro ao molho de hortelã com vinho tinto, kafta de picanha ou de frango, quibe de peixe, bacalhau à moda da casa e recheios especiais de folha de uva e de repolho. A ceia está disponível no sistema de quilo por R\$ 149,90. Também é possível encomendar centos de salgados, com opções a partir de R\$ 360. Av. Ataulfo de Paiva, 1060 – Leblon. Tel: (21) 2235-6698.



Confeitaria Manon



Empório Farinha Pura



Quinta da Henriqueta

CONFEITARIA MANON

– A clássica casa no Centro, oferece pratos especiais para quem procura uma solução prática para ceia de Ano Novo disponíveis em combos para 2, 5, 10 e 15 pessoas (a partir de R\$ 575). Além de pratos clássicos como Pernil, Chester, Tender e Lombinho, as ceias também terão acompanhamentos, como salpicão, farofa, salada de bacalhau e arroz e, claro, bolinhos de bacalhau. A casa oferece ainda pratos avulsos, como mini salgados, (R\$ 160 cento) arroz de lentilha (R\$ 165 - kg) a, quiche de bacalhau (R\$ 190), pavê (R\$ 200), quindão (R\$ 160), entre outros. Rua do Ouvidor, 187 – Centro. WhatsApp (21) 98566-1068.

EMPÓRIO FARINHA PURA

– Localizada na Cobal do Humaitá, a casa amplia a sua seleção de sobremesas para as festas de final de ano com uma novidade pensada para quem valoriza praticidade sem abrir mão de uma apresentação sofisticada: as sobremesas em taça para compartilhar, criadas pelo confeitoiro Leandro Rosa. Destaque para a Taça de Chocotone (R\$ 189) inspirada nos sabores natalinos, combina fatias do chocotone da casa, creme de chocolate, creme de ninho e biscoito Negresco triturado com cobertura de chantilly, nozes, cereja e raspas de chocolate. Encomendas para Réveillon serão aceitas até dia 27/12, às 12h, pelo WhatsApp: (21) 99969-3843.

QUINTA DA HENRIQUETA

– A ceia do restaurante português contemplam opções de entradas, principais e sobremesas. Nos pratos para 4 pessoas são protagonistas o Arroz de Pato Tia Alice (R\$ 300); Bacalhau dos Sócios (R\$ 770); Bacalhau à Portuguesa (R\$ 770); Bacalhau com Natas (R\$ 530); Bacalhau Espiritual (R\$ 530); Bacalhau Gomes de Sá (R\$ 530); Bacalhau à Lagareiro (R\$ 770) e a Salada de Bacalhau com Grão de Bico (R\$ 385). As encomendas podem ser realizadas até o dia 26 pelo WhatsApp (21) 97513-7455.

vemviver + saúde

Bem-estar é receita de futuro.
Oferecemos, nas clínicas das Unidades Sesc RJ, atendimentos de odontologia, psicologia, nutrição clínica e exames voltados à saúde da mulher, além de atividades de educação em saúde. Ampliamos nossos serviços por meio das nossas Unidades Móveis, que levam qualidade de vida para todo o estado. Prevenção e cuidado agora garantem o seu bem-estar. **Vem viver o Sesc RJ.**



VEM SABER +



sescrj.org.br/saude

portalsescrj sescrj sescrj



A maior marca
de bem-estar
social do RJ

Que tal um fim de ano no **escurinho do cinema?**

Cine Brasília encerra 2025 com duas mostras especiais, com muitos filmes de sucesso

Por Mayariane Castro

O Cine Brasília encerra o ano de 2025 com uma programação dedicada a duas mostras especiais concebidas a partir de sua própria curadoria. Entre os dias 26 de dezembro e 28 de janeiro, a Sala Vladimir Carvalho recebe a Mostra Segunda Chamada e a Mostra Sucessos de Bilheteria 2025 Cine Brasília, reunindo filmes inéditos na tela do cinema ao longo do ano e produções que registraram alta presença de público em exhibições anteriores. O cinema estará fechado nos dias 25 e 31 de dezembro e 1º de janeiro, em razão do recesso de fim de ano.

A Mostra Segunda Chamada, tradicional no período de encerramento anual do Cine Brasília, apresenta uma seleção de 15 filmes nacionais e internacionais lançados recentemente, mas que não integraram a programação regular da sala em 2025. A proposta é oferecer ao público a oportunidade de acesso a títulos que circularam por festivais e pelo circuito comercial sem pas-

sagem pelo cinema.

Na primeira semana da mostra, estão programadas exhibições do documentário brasileiro “No Céu da Pátria Nesse Instante”, dirigido por Sandra Kogut, que acompanha os meses posteriores às eleições de 2022 no Brasil. Também integra a seleção “Mora, Amor”, novo longa da diretora escocesa Lynne Ramsay, estrelado por Jennifer Lawrence e Robert Pattinson, ambientado em um contexto de isolamento familiar. O cineasta sul-coreano Hong Sang-Soo participa da programação com “O Que a Natureza Te Conta”, centrado em encontros e diálogos cotidianos. Completa o conjunto inicial “O Retrato de Norah”, do saudita Tawfik Alzaidi, ambientado na Arábia Saudita dos anos 1990 e exibido na mostra Un Certain Regard do Festival de Cannes.

Sucessos de bilheteria

Paralelamente, o Cine Brasília promove a Mostra Sucessos de Bilheteria 2025, dedicada a filmes que passaram pela programação regular do cinema ao



O desenho Flow é um dos filmes que serão exibidos

longo do ano e registraram maior procura do público. Dez produções retornam à Sala Vladimir Carvalho após sessões com elevado número de espectadores.

A abertura da mostra inclui a animação “Flow”, de Gints Zilbalodis, seguida pelo longa brasileiro “Baby”, dirigido por Marcelo Caetano, que acompa-

nha a trajetória de um jovem em processo de reintegração social em São Paulo. Também retorna à tela “Uma Batalha Após a Outra”, de Paul Thomas Anderson, com Leonardo DiCaprio, e o filme “Pecadores”, dirigido por Ryan Coogler e estrelado por Michael B. Jordan. Os ingressos para as sessões das duas mostras seguem

os valores regulares da bilheteria do Cine Brasília.

Além das mostras, a programação da semana inclui sessões especiais. No sábado, 27 de dezembro, às 14h, o cinema realiza a última Sessão Acessível do ano, com a exibição do filme brasileiro “Pacto da Viola”, de Guilherme Bacalhao.

Programação voltada para **diversidade**

Filmes escolhidos procuraram atender a diversos gêneros e públicos diferentes

No caso das sessões especiais, a entrada é gratuita e destinada a pessoas com deficiência, com recursos de Libras, legendas descritivas e audiodescrição.

Segue em cartaz o filme “Sorry, Baby”, de Eva Victor, que também integra a Sessão Contraturno na sexta-feira, 26, às 10h. A programação regular inclui ainda “Foi Apenas um Acidente”, de Jafar Panahi, e “Jay Kelly”, dirigido por Noah Baumbach.

O público infantil conta com “D.P.A. 4: O Fantástico Reino de Ondion”, que também será exibido em Sessão Atípica no sábado, 27, às 11h, voltada a pessoas autistas e neurodivergentes, com adaptação de luz, som e circulação na sala.

Os ingressos para as sessões

regulares custam R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia), com valores reduzidos às segundas e terças-feiras. A Sessão Acessível é gratuita, e a Sessão Atípica segue a política de preços reduzidos.

As entradas podem ser adquiridas na bilheteria do cinema ou pela internet. O Cine Brasília mantém ainda o programa de fidelidade Cinelover, válido para sessões regulares e especiais permanentes.

Diversidade

Ao longo de 2025, o Cine Brasília manteve uma programação voltada à diversidade de linguagens cinematográficas e ao acesso ampliado do público às produções nacionais e internacionais. Durante o ano, o cinema



Restaurado, Cine Brasília é endereço icônico da capital

exibiu lançamentos do circuito comercial, filmes independentes, produções brasileiras recentes e clássicos restaurados, além de sessões temáticas permanentes que integraram a grade semanal.

Entre as ações realizadas estiveram a continuidade das sessões Contraturno, voltadas ao público escolar e universitário; Sessão Família, dedicada a obras infantojuvenis; Sessão Clássicos,

com títulos históricos do cinema; Sessão Monumental, que prioriza filmes em formatos e durações ampliadas; e o Circuitão, que reúne produções do circuito alternativo. Essas iniciativas foram mantidas como parte da política de formação de público e de difusão audiovisual.

Em 2025, o Cine Brasília também sediou mostras e festivais nacionais e internacionais, recebendo estreias, debates e atividades paralelas, como encontros com realizadores, mesas de discussão e sessões comentadas.

Parte dessas ações foi realizada em parceria com instituições culturais, embaixadas, produtoras e distribuidoras, ampliando o intercâmbio com diferentes cinematografias.

Uma exposição que certamente **vai virar meme!**

Oficinas no CCBB Brasília discutem a cultura digital brasileira

POR MAYARIANE CASTRO

Durante as férias de dezembro, o Centro Cultural Banco do Brasil Brasília (CCBB Brasília) amplia sua programação educativa com atividades voltadas à cultura digital e à linguagem dos memes. Por meio do Rolê Cultural – CCBB Educativo, o espaço promove oficinas gratuitas abertas a crianças, adolescentes e famílias, além de experiências interativas na área externa do centro cultural. As ações são inspiradas na exposição “MEME: no Br@sil da memeficação”, em cartaz no CCBB, e acontecem ao longo do mês de dezembro.

As atividades têm entrada gratuita, com retirada de ingressos pelo site [ingressos.cccb.com.br](https://www.cccb.com.br) ou diretamente na bilheteria do CCBB Brasília. As oficinas ocorrem na sala do Educativo, com duração de uma hora e número limitado de participantes por sessão.

Já o Espaço Conexão funciona de forma contínua, integrando a programação diária do centro cultural.

Criação de Memes

Entre as propostas oferecidas está a Oficina de Criação de Memes, que utiliza materiais físicos como papéis coloridos, imagens recortadas, formas e frases elaboradas pelos próprios participantes.

A atividade propõe a construção manual de cenas que articulam texto e imagem, aproximando práticas analógicas da lógica visual e discursiva dos memes que circulam nas redes sociais.

A oficina é realizada aos sábados, domingos e feriados, sempre às 14h, e é destinada a participantes a partir de 8 anos.

Outra atividade é a Oficina de Memetização de Personagens, que parte de referências da cultura pop para estimular releituras de figuras amplamente conhecidas do público.

Inspirada na exposição em cartaz e no Concurso Mundial do Mickey Feio, realizado em 2001 pela dupla Valdisnei — Daniela Brilhante e Lourival Cuquinha —, a oficina propõe a criação de versões exageradas, paródicas ou distorcidas desses personagens.



Exposição brinca com os fenômenos culturais da internet

A atividade ocorre aos sábados, domingos e feriados, às 17h, também com classificação indicativa a partir de 8 anos.

Espaço Conexão

Além das oficinas, o público pode acessar o Espaço Conexão, instalado na área externa do CCBB Brasília, próximo ao Ca-

sulo. O local funciona como um ambiente de convivência e experimentação, reunindo propostas interativas relacionadas à programação cultural.

Durante o período de férias, o espaço oferece grandes quebra-cabeças com imagens da Coleção de Arte Banco do Brasil e um painel dedicado à criação de

emojis autorais. A atividade convida os visitantes a desenvolver símbolos visuais próprios a partir de cores, formas e expressões, dialogando com os temas da exposição sobre memes e comunicação digital. O Espaço Conexão pode ser visitado de terça-feira a domingo, das 9h às 20h30, com classificação livre.

Quebra-cabeças **com arte** é atração

Painel digital permite a criação de emojis com símbolos visuais próprios

Durante o período de férias, o espaço oferece grandes quebra-cabeças com imagens da Coleção de Arte Banco do Brasil e um painel dedicado à criação de emojis autorais. A atividade convida os visitantes a desenvolver símbolos visuais próprios a partir de cores, formas e expressões, dialogando com os temas da exposição sobre memes e comunicação digital. O Espaço Conexão pode ser visitado de terça-feira a domingo, das 9h às 20h30, com classificação livre.

As ações integram o Programa Educativo do CCBB Brasília, iniciativa contínua voltada à mediação cultural e à aproximação dos públicos com as exposições e demais atividades em cartaz. O programa contempla visitantes

espontâneos e grupos agendados, incluindo estudantes de escolas públicas e privadas, universitários e instituições. O agendamento para grupos e escolas pode ser realizado por meio da plataforma conecta.mediato.art.br.

CCBB

Inaugurado em 12 de outubro de 2000, o CCBB Brasília está localizado no Edifício Tancredo Neves, projeto de Oscar Niemeyer, e reúne espaços destinados a exposições, cinema, teatro, apresentações musicais e atividades educativas. O complexo conta ainda com áreas externas e jardins, que integram a programação cultural e educativa ao longo do ano. Em 2022, a unidade recebeu a certificação ISO 14001,



As oficinas funcionarão até o final de dezembro

relacionada à gestão ambiental, renovada anualmente.

Como parte das ações de acessibilidade, o CCBB Brasília mantém o programa “Vem pro CCBB”, que oferece transporte

gratuito por meio de uma van que faz o trajeto entre a Biblioteca Nacional e o centro cultural, de quinta-feira a domingo. O serviço funciona mediante retirada de ingresso gratuito e tem horá-

rios regulares ao longo do dia.

A programação educativa de férias, assim como as demais atividades do CCBB Brasília, pode ser consultada no site [ccbb.com.br/brasilia/programacao/ccbb-educativo](https://www.cccb.com.br/brasilia/programacao/ccbb-educativo). O acesso às oficinas e aos espaços interativos é gratuito, sujeito à capacidade de cada atividade.

Governos de transição

Desde que foi inaugurado, o CCBB tem também cedido suas salas para as equipes dos governos de transição, que são montadas a partir de cada eleição presidencial.

De outubro até o momento da posse em janeiro, os integrantes dessas equipes trabalham nas salas do CCBB.



#cm
2
RETROSPECTIVA

2025 vai embora com um marco significativo. **Pela primeira vez** um filme brasileiro **recebe o Oscar** com ‘Ainda Estou Aqui’, sem contar **a consagração de Fernanda Torres** - Globo de Ouro de Melhor Atriz e indicação ao Oscar por sua atuação. Além do **brilho do cinema brasileiro pelos festivais mundo afora**, esta **edição especial do #CM2** traz os destaques do ano na **cena teatral, na música e no mercado editorial**